

**Teste de avaliação**

**12.º ano**

**novembro 2020**

**Educação Literária**

**Grupo I (104 pontos)**

**A (60 pontos)**

**Lê atentamente o texto que se segue.**

Cansa sentir quando se pensa.  
No ar da noite a madrugar  
Há uma solidão imensa  
Que tem por corpo o frio do ar.

Neste momento insone<sup>1</sup> e triste  
Em que não sei quem hei de ser,  
Pesa-me o informe real que existe  
Na noite antes de amanhecer.

Tudo isto me parece tudo.  
E é uma noite a ter um fim  
Um negro astral silêncio surdo  
E não poder viver assim.

(Tudo isto me parece tudo.  
Mas noite, frio, negror sem fim,  
Mundo mudo, silêncio mudo –  
Ah, nada é isto, nada é assim!)

9-11-1932

Fernando Pessoa, *Poesias*, Lisboa: Ática, 1942, pág.148.

**Nota:** 1 sem sono

**Apresenta, de forma clara e bem estruturada, as tuas respostas aos itens que se seguem.**

1. Refere três traços caracterizadores do estado de alma do sujeito poético, fundamentando-te no texto, e explicita-os.
2. As marcas do envolvimento noturno remetem para a analogia com a solidão e a angústia do sujeito poético.
  - 2.1. Selecciona dois recursos expressivos utilizados na caracterização de ambos e salienta o respetivo valor.
3. Interpreta a última estrofe, mostrando o paradoxo que ela encerra e justificando o discurso parentético.

**B (30 pontos)**

**Lê o seguinte soneto de Luís de Camões.**

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,  
muda-se o ser, muda-se a confiança;  
todo o mundo é composto de mudança,  
tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vemos novidades,  
diferentes em tudo da esperança;  
do mal ficam as mágoas na lembrança,  
e do bem (se algum houve), as saudades.

O tempo cobre o chão de verde manto,  
que já coberto foi de neve fria,  
e, enfim, converte em choro o doce canto.

E, afora este mudar-se cada dia,  
outra mudança faz de mor espanto<sup>1</sup>,  
que não se muda já como soía<sup>2</sup>.

Luís de Camões, Lírica Completa – II, Lisboa: IN-CM, 1994, p.  
289.

**Apresenta, de forma bem estruturada, as tuas respostas aos itens que se seguem.**

4. A mudança atinge os seres humanos e a natureza. Explicita o modo como ocorre em cada uma dessas realidades.
5. Infere o sentido da “outra mudança” referida no último terceto.

**C (14 pontos)**

6. Explicita, numa breve exposição de oitenta a cento e trinta palavras, exemplificando, o modo como se concretiza, no “Sermão de Santo António (aos Peixes)”, a alegoria de intuições críticas.

A tua exposição deve incluir:

- uma introdução ao tema;
- um desenvolvimento no qual refiras, no mínimo, uma das críticas, fundamentando as ideias apresentadas em, pelo menos, um exemplo significativo;
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

---

<sup>1</sup> mudança mais surpreendente.

<sup>2</sup> costumava.

**Grupo II (56 pontos)**

**Leitura | Gramática**

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, seleciona a opção correta.

Escreve, na folha de respostas, o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

O verbo saudar

A aldeia global tornou-nos apenas próximos: não nos apresentou uns aos outros. Passamos a partilhar uma quantidade colossal de informações, mas continuamos perfeitos estranhos. Quanto muito tem crescido o voyeurismo<sup>3</sup> que sobrevoa a existência alheia e nos dispersa da nossa. Às nossas sociedades hipertecnológicas faltam os protocolos de encontro que, por exemplo, integravam com a maior naturalidade o quotidiano das sociedades primitivas. Entre os povos do deserto, quando os desconhecidos eram aceites como hóspedes, seguia-se este ritual de aproximação: “Considera-te bem-vindo! Recebe as minhas saudações. Como prosseguem os teus dias? Como vão os filhos de Adão? E a tua família? E a tua tenda? E a tua gente? E a tua mãe? E tu, como corre a viagem que estás a realizar?” Percebe-se que acolher implicava escutar o outro em profundidade. É isso que está em jogo num genuíno encontro. As fórmulas podem ser mais longas ou mais breves, mas o fundamental é que um espírito de cerimónia persists, pois ele humaniza as nossas trajetórias. Na Bíblia hebraica, encontramos o “Quem és? De onde vens? Para onde vais?” trocado, com cordial curiosidade, entre viajantes. Os gregos e romanos, por seu lado, vulgarizaram o aperto de mão, como se pode ver nos monumentos figurativos e sobretudo nas estelas<sup>4</sup> funerárias. O beijo é praticamente uma importação do Oriente. Mas tanto gregos como romanos mantinham também o hábito de favorecer os seus interlocutores com felizes augúrios, herança que apenas em parte conservamos: o grego *χαῖρε*, “alegra-te” ou *ἔρρωσο*, “sê em toda a tua força”; o latino *Ave*, “Deus te salve!” ou *Vale*, “que tenhas saúde!”. As fórmulas de cumprimento tornaram-se tão sincopadas a Ocidente que perderam a sua força expressiva. A maior parte das vezes são hoje repetidas de maneira automática. Por isso sabe bem recordar outras possibilidades: como entre os etíopes, onde se recorre a um termo que significa “Vejo-te” ou entre os ameríndios, que usam uma expressão que diz qualquer coisa como “Recebo agora o teu cheiro”. O protocolo de encontro tem ainda uma plasticidade visceral que demonstra a centralidade que ocupa nessas práticas sociais. Facto que soará estranhíssimo numa época como a nossa em que nos tornamos cosmopolitas, de uma hora para outra, só porque esbarramos com mais estranhos na rua, sem aumentar o número de vezes que dizemos “bom-dia”.

José Tolentino Mendonça, *Revista do Expresso*, 19 de agosto de 2017, p. 92.

<sup>3</sup> Curiosidade mórbida relativamente a aspetos íntimos ou da vida privada de alguém.

<sup>4</sup> Coluna monolítica destinada a ter inscrição.

**AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE LOUSADA**

Escola Secundária

1. De acordo com o texto, o acolhimento do outro pressupõe
  - (A) a aceitação das suas especificidades.
  - (B) a sua integração na nova sociedade.
  - (C) a partilha de muitas informações.
  - (D) o cumprimento de protocolos solenes.
  
2. Atualmente, as fórmulas de saudação são
  - (A) curtas e inexpressivas.
  - (B) curtas, mas muito expressivas.
  - (C) curtas e instintivas.
  - (D) longas e significativas.
  
3. O nosso cosmopolitismo revela-se
  - (A) através da abertura a culturas e hábitos diferentes.
  - (B) através da aceitação de estrangeiros.
  - (C) através da influência de culturas estrangeiras.
  - (D) pelo aumento da presença de estranhos.
  
4. A primeira frase encerra
  - (A) a tese que o texto desenvolve.
  - (B) um argumento aceite consensualmente.
  - (C) uma opinião generalizada.
  - (D) um facto inexplicável.
  
5. Os vocábulos sublinhados em “A aldeia global tornou-nos apenas próximos: não nos apresentou uns aos outros” (l.1) são
  - (A) pronomes pessoais com função de complemento direto.
  - (B) pronomes pessoais com função de complemento indireto.
  - (C) pronomes pessoais com função de complemento direto e complemento indireto respetivamente.
  - (D) pronomes pessoais com função de complemento indireto e complemento direto respetivamente.
  
6. Os vocábulos “sociedades” (l. 4, 6) e “povos” (l. 6) asseguram
  - (A) a coesão interfrásica.
  - (B) a coerência textual.
  - (C) a coesão frásica.
  - (D) a coesão lexical.
  
7. Identifica o antecedente do pronome presente em “faltam os protocolos de encontro que, por exemplo, integravam com a maior naturalidade o quotidiano das sociedades primitivas” (ll. 5-6).
  
8. Divide e classifica as orações da seguinte frase: “As fórmulas de cumprimento tornaram-se tão sincopadas a Ocidente que perderam a sua força expressiva” (ll. 21-22).

**Grupo III (40 pontos)**

**Escrita**

Redige uma apreciação crítica (180 a 250 palavras) do *cartoon* apresentado. Não te esqueças de planificar previamente o teu texto e de o rever.



Wagner Zanirato, Aquário do futuro (consultado em 12/11/2020).

O teu texto deve incluir:

- a descrição da imagem apresentada, destacando elementos significativos da sua composição;
- um comentário crítico, fundamentando devidamente a tua apreciação e utilizando um discurso valorativo;
- uma conclusão adequada aos pontos de vista desenvolvidos.

**FIM**

**PROPOSTA DE CORREÇÃO**

**Grupo I**  
**EDUCAÇÃO LITERÁRIA**

**A**

1. O “eu” apresenta características de pendor negativo causadas pela simultaneidade das ações de sentir e pensar. Assim, sente-se sozinho “Há uma solidão imensa”, triste “Neste momento insone e triste”, fragmentado “Não sei quem hei de ser”. (cansado “Pesa-me o informe real”, angustiado “Tudo isto me parece tudo” e inconformado “Não poder viver assim”). O estado de alma do sujeito poético é, portanto, revelador das diferentes sensações de tédio e de frustração, que vai “fingindo” como motivos poéticos. Concluindo, o sujeito revela uma inquietação e confusão provenientes da sua incapacidade de apenas sentir.
2. 1. As marcas do envolvimento noturno remetem, por analogia, para a solidão, o isolamento, a angústia, a tristeza do sujeito poético. Assim, a adjetivação expressiva – “negro astral silêncio surdo” permite caracterizar a visão exacerbada de um envolvimento silencioso que reflete um estado de espírito taciturno; a metáfora – “pesa-me o informe real” – destaca a característica negativa do estado de espírito, causada pela indefinição da realidade que o incomoda como se fosse um peso; a personificação – “silêncio surdo” – intensifica o silêncio; a enumeração gradativa – “noite, frio, negror sem fim” – realça as características de um quadro tradicionalmente melancólico; a hipérbole – “tudo isto me parece tudo” enfatiza o excesso de sensações que cansam o sujeito poético. Em conclusão, os recursos expressivos realçam com veemência o estado atormentado do “eu” resultante do sentir poético, enquanto atividade intelectual confrangedora.
3. Na última estrofe, o “eu” faz uma autoanálise como conclusão do poema. O paradoxo - ” tudo isto me parece tudo” e “nada é isto, nada é assim” – bem como o discurso parentético em que os versos da estrofe se encontram marcam a oposição entre o sentir pensado do sujeito poético e o sentir da vivência real. O “eu” lírico faz um aparte, distanciando-se do mundo das emoções rationalizadas e descritas nas estrofes anteriores, que era “fingido”, rationalizado e que não corresponderá a qualquer situação de verdade; não deixa, no entanto, de expor a sua frustração/insatisfação com o jogo poético, mostrando cansaço e quase exaspero denunciado na enumeração e no último verso através da exclamação. A última estrofe atesta, então, o desespero do sujeito poético proveniente da sua lucidez, da sua capacidade de pensar.

**B**

4. No soneto “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”, é realçada a diferença na forma como a mudança atinge os seres humanos e a natureza. Enquanto a mudança na natureza é cíclica e implica renovação, como comprova o primeiro terceto, nos seres humanos apresenta-se, geralmente, com uma carga negativa porque não há uma alteração que traga esperança. Na segunda quadra, o “eu” afirma que nós, os humanos, retemos na memória as mágoas do mal e as saudades do bem, se é que existiu, como prova de que qualquer mudança implica lembrança e sofrimento. Concluindo, o sujeito poético dá conta da existência de uma mudança generalizada, mas muito distinta entre o ser humano e a natureza.
5. No mundo a mudança tudo abrange. No entanto, a mudança mais surpreendente é a da própria mudança no sujeito poético que, também ela, mudou e “não se muda já como soía”. À medida que envelhece, o “eu” sente que o seu pessimismo se agudiza e já não é capaz de ter as esperanças que tinha outrora. Em suma, a natureza da mudança é, portanto, contínua e inconstante.

## AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE LOUSADA

Escola Secundária

### C

6. A alegoria associa-se ao “Sermão de Santo António (aos Peixes)”, pois Vieira toma os peixes como metáfora dos vícios dos homens.

Efetivamente, a repreensão aos peixes deve ser entendida como uma crítica direta aos homens, que são, durante o discurso, equiparados àqueles por causa da sua atitude (“Eis aqui Voadores do mar, o que sucede aos da terra, para que cada um se contente com o seu elemento.”).

Quando fala aos peixes, na verdade, é aos homens que se dirige, e assim, com a repreensão daqueles, o pregador destaca defeitos que abundam nos seres humanos, tais como a ambição desmedida, que os conduz à perdição.

Concluindo, este sermão do padre António Vieira é uma sátira social, que se serve da alegoria para criticar os defeitos dos homens. (128 palavras)

### Grupo II LEITURA / GRAMÁTICA

Item	
1.	D
2.	C
3.	D
4.	A
5.	A
6.	D
7.	“(os) protocolos de encontro”.
8.	Oração subordinante: “As fórmulas de cumprimento tornaram-se tão sincopadas a Ocidente”; Oração subordinada adverbial consecutiva: “que perderam a sua força expressiva”.

### Grupo III ESCRITA

- Estruturação temática e discursiva (ETD)
- Correção linguística (CL)

Tópicos:

- aquário com grande superfície envidraçada;
- cor azul da água;
- ausência de vida marinha;
- abundância de garrafas, pneus, bidões, etc.;
- observação atenta da criança;
- poluição dos oceanos;
- alerta para os malefícios da presença humana;
- passividade do ser humano;
- ...